



PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO, PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE: O GÊNERO NO/DO ENVELHECIMENTO

Daniel Vieira Silva ¹
Fernando Altair Pocahy ²

RESUMO

O presente trabalho consiste de revisão crítica de parte da produção de conhecimento que articula envelhecimento, velhice e gênero, a partir de estudos publicados nas plataformas Scielo e Portal de Periódicos Capes. Os pressupostos ético-epistemológicos e metodológicos que orientam nossas apostas orientam-se pela perspectiva genealógica (FOUCAULT, 1989) em diálogo com os estudos pós-estruturalistas em gênero e sexualidade. Entre as evidências encontradas destacamos artigos que utilizam gênero como categoria de análise das tramas do envelhecimento e que apontam caminhos para o desenvolvimento de perspectivas biopolíticas e interseccionais. Esses estudos, a partir do entrelaçamento dos marcadores de geração, aqui em específico a fase idosa, e performatividades de gênero engendradas nos/com/pelos sujeitos, indicam que os modos de pesquisar o envelhecimento configuram-se como modos de subjetivação, produzindo certos significados e sentidos sobre o corpo, em especial idoso. Compreender as (im)possíveis articulações do conceito de gênero e velhice nas pesquisas que foram/são desenvolvidas, se constitui para nós objetivo que aponta para a compreensão de que o modo como falamos e o que falamos sobre a velhice incide sobre a própria representação e os processos que envolvem o envelhecimento. Ao nos movermos em genealogias da velhice e dos processos de envelhecimento, podemos compreender parte das emergências em torno da produção de uma questão a ser pensada e como ela se constitui como algo passível de governo, marcando e definindo uma população.

Palavras-chave: envelhecimento, velhice, educação em saúde, biopolítica, gênero.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, parcela significativa da população mundial vem apresentando amplo processo de envelhecimento, para além das já estabelecidas marcas de longevidade em países (ditos) desenvolvidos. O Brasil, em especial, (que já foi considerado país em desenvolvimento) tem visto sua população de pessoas idosas aumentar exponencialmente, e isso passou a demandar novos estudos e políticas efetivas sobre o fenômeno. Paralelamente, acompanhamos interesses acerca dos marcadores que (re)posicionam sujeitos na experiência da velhice, de modo que o conceito de gênero passa, nas últimas duas décadas, a ocupar cada vez mais espaço no campo acadêmico e de intervenção social. Com isso, observamos impacto

¹ Graduado em Pedagogia, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed/UERJ), danielvieirasilvaa@gmail.com;;

² Graduado em Psicologia, Doutor em Educação (UFRGS). Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, vinculado ao Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino e aos programas de pós-graduação em Educação e Psicologia Social (ProPed e PPGPS/UERJ), fernando.pocahy@gmail.com;;



sobre estudos e análises em diferentes campos, acompanhados igualmente de importantes debates sobre desenvolvimento econômico e social em contexto globalizado.

Apontando a congruência dos momentos históricos em que esses dois temas, gênero e velhice, passaram a fazer parte cada vez mais das preocupações na universidade e nas políticas públicas, o levantamento realizado demonstra que somente a partir do fim da década de 1990 é que começam a surgir estudos que relacionam envelhecimento e gênero (DEBERT; DOLL, 2005) Sem dúvida existiam estudos que, antes disso, procuravam essa relação, mas não utilizavam o conceito de gênero como uma categoria de análise, sendo a ideia de “sexo biológico” mais presente.

Ainda que a palavra gênero passe a estar mais presente nos estudos e pesquisas nas últimas três décadas, parte significativa dos casos representa apenas outra forma de se referir à divisão da sociedade entre homens e mulheres, operando, sobretudo, em uma lógica binária e cisgênera, além de negligenciar o caráter regulatório desse marcador. A maioria dos artigos levantados apresenta caráter estatístico em que gênero entra apenas como um recorte para levantamento de dados.

Em algumas situações, gênero é utilizado como sinônimo de sexo, para representar a mesma coisa (sexo/ genitália = gênero) e não em sua dimensão relacional e política. Em outras, existe uma diferenciação, com gênero ocupando espaço junto a outros marcadores sociais (e não biológicos) como classe, escolaridade e local de moradia, porém com ausência de análises que aproveitem o caráter de conceito e norma.

Observa-se ainda, é claro, outros estudos que têm utilizado gênero como um conceito útil para compreender as produções dos sujeitos, das desigualdades e/ou das políticas e discursos, mas esses raramente aborda(ra)m intersecções com o marcador ou relações de gênero e, menos ainda, desde a perspectiva da diversidade sexual.

Compreender as (im)possíveis articulações do conceito de gênero e velhice nas pesquisas que foram/são desenvolvidas se constitui para nós objetivo que aponta para a compreensão de que o modo como falamos e o que falamos sobre a velhice incide sobre a própria representação e os processos que envolvem o envelhecimento.

Somos signatários da ideia de que nos processos de produção discursiva em torno de determinados temas engendram-se processos de subjetivação – práticas que nos movimentam em relação à constituição de modos de vida, modos de nos conduzirmos diante do mundo, efeitos que nos mobilizam a determinadas posições de sujeito, modos como afetamos e somos afetados/as por isso tudo, incluindo-se o conhecimento (que se produz e que nos produz).

De modo mais detalhado, destacamos o caráter produtivo das pesquisas acerca de gênero e/ou velhice, cujo principal produto são modos de subjetivação. Ou seja, as pesquisas desenvolvidas irão compor, inevitavelmente, o corpo de discursos que integram e agenciarão os significados sobre o que é velhice, o que é gênero, e o que a articulação desses representa e os sentidos que se organizam em torno deles.

As significações para a velhice e os termos impostos aos processos de envelhecimento constituem uma agonística - disputa -, de modo que não se deve considerar que as produções deste campo (acadêmico/científico) são mais ou menos efetivas do que outras. Pelo contrário, ao propor uma genealogia (FOUCAULT, 2005) da velhice, buscamos entender as emergências em torno da produção de uma questão a ser pensada e como ela se constitui como algo passível de governo.

Dessa forma, buscamos apontar seus entrelaçamentos, ao tratar de aspectos colocados como específicos para as políticas públicas e a produção acadêmica. Estas ideias-conceito não estão apartadas uma da outra: as políticas públicas estão nos conhecimentos científicos tal qual esses estão nas políticas de Estado.

A estratégia metodológica de se dedicar mais detidamente a cada um em momentos distintos justifica-se por entendermos que essas possuem certas configurações que as tornam singulares, mas não deve representar uma separação radical, que ignore sua retroalimentação.

Compreendemos que as produções acadêmicas sobre gênero e velhice são modos de pesquisar, logo, modos de subjetivar. Entendemos aqui que a subjetividade, tal Candiotti, “se refere não à identificação com o sujeito como categoria ontologicamente invariável, mas a modos de agir, a processos de subjetivação modificáveis e plurais” (2008, p.88). Esse é um modo de tomar de Foucault suas ferramentas, pois o filósofo francês, ainda de acordo com Candiotti, “procura saber quais são os efeitos de subjetivação a partir da própria existência de discursos que pretendem dizer uma verdade para o sujeito” (p. 89).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi especialmente a pesquisa e análise bibliográfica a partir de uma revisão integrativa da literatura, “ ferramenta importante na síntese das pesquisas disponíveis sobre determinada temática e direciona a prática fundamentada em conhecimento científico, ou seja, para a prática baseada na evidência.” (SOUSA et al, 2017).

Inicialmente, realizamos levantamentos em duas plataformas científicas: Scielo e Portal de periódicos da CAPES. Foram utilizadas as palavras-chave “envelhecimento +



gênero” e “velhice + gênero”. Os filtros utilizados foram: trabalhos em língua portuguesa, sobre contexto brasileiro, que fossem artigos referentes a relatórios de pesquisa ou artigos de revisão. Essa busca resultou em 248 trabalhos, com as primeiras palavras chave (envelhecimento e gênero), e 101 artigos tendo velhice e gênero como palavras-chave, resultando em um total de 349 trabalhos.

Em uma primeira análise identificamos 170 artigos que se repetiam, na mesma busca ou em mais de uma, e dessa forma o total encontrado foi de 179 artigos. Desses, 9 foram descartados na primeira análise, pois não estavam relacionados aos temas propostos, sendo de áreas como botânica ou de literatura, em que gênero se referia a alguma classificação biológica ou literária, ou eram referentes a outro país como Portugal. Assim, ficamos com um total de 170 artigos.

As buscas foram realizadas entre o mês de maio e outubro de 2020. Após a análise dos resumos selecionamos 82 artigos compatíveis com nossos objetivos para leitura completa e minuciosa. Essa seleção buscou identificar quais deles utilizavam o conceito de gênero como categoria de análise.

O número de artigos não selecionados por incompatibilidade com os objetivos representa aqueles que não se referem a gênero como um elemento de problematização, sendo um recorte estatístico que, apesar de apresentar dados interessantes, não são analisados a partir de perspectivas dos estudos de gênero; eles são parte significativa dos trabalhos (91 artigos), mas utilizam gênero como mero indicador de questões biológicas/médicas - ao apresentar patologias que são exclusivamente ou mais comumente encontradas em sujeitos de determinado gênero (neste caso, sexo). Em outros casos, gênero é marcador estatístico (articulado à ideia anterior, binária e fundacional), que apresenta questões a serem analisadas em campos sociais, políticos e econômicos, porém utilizam os dados apenas como indicadores, sem aprofundar os aspectos relacionais-regulatórios do marcador.

Como estratégia de leitura, organizamos os artigos selecionados em palavras-chave, criando categorias de análise. Tais categorias são: mulheres/feminilidades, homens/masculinidades, saúde, LGBT, sexualidade, questões sociais e educação. Os marcadores foram criados pelo olhar dos/as pesquisadores/as, de forma intencional, como maneira de produzir resultados com atenção especial a esses pontos. Sem dúvida, outras/os pesquisadoras/es poderiam criar outras categorias, outras formas de orientar sua análise. Um mesmo artigo, nessa organização, poderia estar incluído em mais de uma categoria, de forma que tais marcadores não fossem excludentes. Existem vários artigos, por exemplo, que tratam

de saúde e sexualidade, ou da saúde específica da mulher ou do homem cisgêneras/os. Nesses casos, os registros foram alocados em ambas as categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A velhice se torna (im)possível atrelada a marcadores biológicos, em estratégias biopolíticas, que se debruçam sobre o corpo humano como forma de medir, conhecer, explicar, esmiuçar os elementos daquilo que chamamos vida – a gestão da vida (FOUCAULT 2005; LEMKE, 2018). Assim, não há como pensar a velhice fora da ideia de saúde, pois ela é representada como um problema ou uma questão neste âmbito da vida.

Outro curioso dado do levantamento é o baixo número de artigos (06) sobre velhice, envelhecimento e gênero direcionados a pensar a sexualidade de sujeitos idosos/as. Isso parece corroborar com outras pesquisas que apontam como a sexualidade é uma faceta da vida ignorada neste ciclo.

Em relação a gênero, o número de artigos voltados para mulheres/feminilidades e homens/masculinidades é praticamente equivalente (14 e 11, respectivamente), no entanto todos são sobre sujeitos cisgêneros.

A categoria LGBT abarcou trabalhos que utilizavam essa nomenclatura e/ou explicitamente sobre homo, bi ou transexualidade. Foram alocados 08 artigos nessa categoria, e a maior parte versa sobre a homossexualidade ou tratando de sujeitos LGBT de forma geral. Apenas um artigo se debruça especificamente sobre pessoas trans. A figura abaixo representa um comparativo entre os marcadores de análise, em relação à quantidade de artigos vinculados a cada um.

Os artigos que utilizam gênero apenas como marcador (binário e funcional – macho/fêmea) estão localizados em campos que pretendem apontar maior ou menor ocorrência de algum elemento patológico em um dos gêneros, ou demarcar maior ou menor incidência de determinado efeito social, como suicídio e depressão, em homens ou mulheres. Esses estudos não aprofundam análises que possam questionar como os dados se produzem da maneira como se apresentam nos levantamentos.

Ao focar nos sujeitos como população, que possui algumas características similares, como maior incidência de determinada doença, os estudos engrossam o caldo de discursos cisnormativos e binários, ademais de corroborarem para a trama biopolítica, que em nossa sociedade parecem ser regidos por uma racionalidade neoliberal - vinculadas à certa razão que constrói significados sobre o corpo e sobre a vida em geral relacionados à (im)produtividade e à autorresponsabilização (POCAHY & DORNELLES, 2018).

Os artigos que, em nossa análise, utilizam o conceito de gênero como categoria política e analítica estão, em sua maioria, debruçados sobre as desigualdades entre homens e mulheres. Tais artigos utilizam a base teórica dos estudos de gênero para produzir análises críticas sobre as relações sociais, históricas e políticas que fomentam tais desigualdades, que produzem situações de vulnerabilidade ora para mulheres ora para homens, mas em especial sobre mulheres. Essa utilização do conceito é extremamente potente, e sem dúvida traz avanços importantes no que tange à vida dos sujeitos.

No entanto, são raros os casos que utilizam o conceito de gênero para questionar a própria generificação dos sujeitos, como a produção binária de gênero (masculino e feminino), ou mesmo estudos que incluam outras variáveis como orientação sexual e identidade de gênero. Não utilizam gênero propriamente como sinônimo de sexo, pois analisam a produção das desigualdades em sua relação com o marcador social, mas ainda circundam certa essencialização de gênero na medida em que não apresentam perspectivas críticas sobre a produção generificada da sociedade – ou das práticas sociais que determinam ou produzem efeitos sobre os sujeitos da pesquisa. Isto é, recai sobre a diferença essencializada/ fixada e não aventa possíveis relações entre as formas de produzir gênero nas práticas sociais (educacionais, de saúde, etc)

Interessante perceber como gênero torna-se um analisador que aponta outras camadas da produção do envelhecimento nas sociedades aderentes à racionalidade neoliberal, notadamente a partir da interpelação à responsabilidade individual sobre o corpo-vida e ao desenvolvimento de um ideário de longevidade produtiva, como passamos a perceber na sociedade brasileira.

Coelho et al (2016), em seu artigo sobre masculinidade e o cuidado em saúde, discutem sobre como a lógica da produtividade capitalista atravessa a percepção de homens idosos sobre seu próprio corpo, sua própria existência. Em uma lógica produtivista, onde ser capaz de trabalhar é sinônimo de uma vida saudável (com capacidades / forças), esses corpos são considerados inúteis, “gerando a desvalorização daqueles que não estão aptos ao trabalho” (p. 413). Nos argumentos dos idosos entrevistados no referido estudo é nítida a forma como o fato de não poder se dedicar ao trabalho, nos mesmos formatos da juventude, faz com que esses sujeitos olhem para si e interpretem suas experiências a partir de um viés de vida útil (que produz algo ou oferece sua força para tal). As concepções de envelhecimento ativo se articulam às perspectivas de uma razão político-econômica, produzindo lógicas (culturas) de compreensão dos corpos idosos onde a incapacidade laboral torna-se fator de desvalorização de idosos/as e pessoas incapacitadas ao trabalho. Como nos diz Mendonça (2008), “a velhice,



quando não adaptada às exigências sociais disciplinares, é vista como estorvo de um suposto progresso capitalista, como ameaça à capacidade produtiva do indivíduo pelas exigências de comportamentos e movimentos padronizados” (p. 97).

O destaque feito pelo conceito de gênero faz emergir o impacto dessas produções neoliberais em homens idosos, visto que essas produções analisadas localizam no masculino uma necessidade de rentabilidade e de provimento, ao longo da vida. Dessa forma, a frustração diante da incapacidade de produzir promove certas formas de interpretar os sujeitos, fomentando inclusive os olhares desses homens idosos sobre si próprios, e como se enxergam na sociedade. Esses homens, como demonstram as entrevistas realizadas pela pesquisa citada, encaram a si mesmos como inúteis e incapazes. Quando confrontados sobre os desafios da velhice, os homens entrevistados deram maior ênfase ao medo de se tornar incapazes, passando a depender de outras pessoas, mais do que o receio com a morte. Como nos diz Camarano e Carvalho (2015),

A entrada no mercado de trabalho é um dos eventos que marca o início da vida adulta para os homens e, da mesma forma, a sua saída dele, via aposentadoria, é o que caracteriza a entrada na última fase da vida ou a velhice. Ou seja, os homens têm a vida pautada pelo mercado de trabalho, dado que a escola, que marca a infância, pode ser considerada como o evento preparatório para ele. (p. 2758)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de estudos que apresentamos e as análises desenvolvidas a partir deles apresentam possibilidades de questionamento, deslocamentos que o conceito de gênero (em suas intersecções) provoca.

Destacamos que a articulação geração-gênero corresponde a movimentos de produção de diferença, modos de entender a velhice, o corpo e a vida longa. As análises aqui apresentadas contribuem para que os olhares analíticos sobre a/ para a velhice e para os processos de envelhecimento considerem as problemáticas de gênero, bem como aqueles que pensam esse marcador da diferença considerem a geração e a idade como tensionamento necessário.

Percebemos que a utilização do termo gênero aparece em alguns estudos como mero marcador identitário (de diferença sexual), especialmente nos estudos dedicados a apresentar a incidência de patologias em coortes específicas; em outros estudos, gênero vem acompanhado de algum potencial crítico, principalmente quando colocado ao lado de outras



categorias sociais como escolarização, classe social, etc. Em outros estudos ainda, gênero é trabalhado como modo de compreender a produção de experiências, a construção de significados sobre o corpo, sobre o sujeito e sobre a vida.

O caráter produtivo das elaborações acadêmicas, que participam da construção de significados acerca da velhice, em especial aqui com sua articulação com gênero merece ser evidenciado. Marcamos que os modos de pesquisar são modos de subjetivar, na medida em que os discursos compõem tessituras em torno do que envelhecer e ser uma pessoa idosa.

Estes resultados nos motivam a realizar novas problematizações, bem como adensar aquelas que já vínhamos delineando. Afinal, a produção de saber participa da produção discursiva em torno do envelhecimento, disputa significados, apresenta formas de interpretar, por vezes pretende apresentar verdades, e sem dúvida constitui modos de subjetivação.

Nossa problematização sobre a velhice é deliberadamente tensionada pelo conceito de gênero, e nossas análises sobre esse marcador a partir de provocações da/sobre a velhice. Esta é uma aposta, um caminho a ser trilhado.

As condições desse terreno de investigação em curso³, bem como as ferramentas que lançamos mão e produzimos até aqui a partir da leitura de outros estudos e pesquisas, configuram nossas expectativas sobre os (im)possíveis modos de representar e produzir a velhice, com efeitos inesperados e abertos, pois são efeitos de disputas informadas por traços de culturas particulares e racionalidade político-econômicas e transformações tecnológicas e desafios ético-epistemológicos e metodológicos na produção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

CAMARANO, Ana Amelia; CARVALHO, Daniele Fernandes. O que estão fazendo os homens maduros que não trabalham, não procuram trabalho e não são aposentados?. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 9, p. 2757-2764, Sept. 2015.

CANDIOTTO, Cesar. Subjetividade e verdade no último Foucault. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 31, n. 1, p. 87-103, 2008.

DEBERT, Guita G. e DOLL, Johannes. “Entrevista com Guita Debert”. *Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento*, n. 7, Porto Alegre, 2005, pp. 101-16.

³ Este estudo corresponde à pesquisa de doutoramento do primeiro autor, intitulada Gênero, sexualidade e envelhecimento: (des)articulações na educação e/m saúde, apoiada com bolsa de pesquisa CAPES, vinculada ao projeto de pesquisa do segundo autor e intitulado Gênero, sexualidade e envelhecimento: problematizações interseccionais sobre a produção e o (auto)governo da diferença nas práticas da educação e/m saúde, financiado pelo CNPq e pela FAPERJ.



FOUCAULT, Michel . *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. *Em Defesa da Sociedade*. Curso no Collège de France, 1975-1976. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEMKE, Thomas. *Biopolíticas: críticas, debates e perspectivas*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2018.

MENDONÇA, Reginaldo Teixeira et al . Medicalização de mulheres idosas e interação com consumo de calmantes. *Saúde e Sociedade*, São Paulo , v. 17, n. 2, p. 95-106, Junho de 2008.

POCAHY, Fernando Altair; DORNELLES, Priscila Gomes. Gênero, sexualidade e envelhecimento: mapeando a pesquisa e a intervenção social LGBT no Brasil. *Journal of Studies on Citizenship and Sustainability*, v. 1, 2017, pp. 124-138

SOUSA, Luís, MARQUES-VIEIRA, Cristina & SEVERINO, Sandy & ANTUNES, Vanessa. (2017). Metodologia de Revisão Integrativa da Literatura em Enfermagem. *Revista Investigação Enfermagem*, 2. 17-26.